

SEMANA

46

4

Dia

| João 1.1-4

Quando Deus Pensou em Você

Introdução

Iniciaremos uma série nova de devocionais, baseadas nas Cartas de João e, para tanto, usaremos as experiências do Dr. Ogilvie, quando o Senhor ministrou em seu coração para que se tornasse a pessoa que Deus planejou desde o princípio – descobrindo ou até redescobrando a qualidade de vida extraordinária que experimentamos quando nos permitimos viver dessa maneira.

O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida.

1 João 1.1

Fora uma semana difícil. Uma semana daquelas em que indagamos: “*Quem sou, que estou fazendo aqui? Vale a pena tudo isso?*” Todos nós as temos. Tudo se acumula. Nada sai como planejamos. As pessoas nos decepcionam. Nossos alvos parecem estranhamente distantes e ilusórios. O trabalho perde o brilho e o gosto. Um desânimo lento nos envolve.

No final de uma semana como essa, um amigo me disse uma coisa que me libertou: “*Lloyd, desejo que sua vida seja tão linda como o foi na mente de Deus quando ele pensou em você pela primeira vez.*” Fiquei profundamente comovido. As palavras penetraram-me a mente indo alojar-se nas profundezas do meu coração. A admoestação afirmativa tropeçou em meu interior como se tentasse ganhar controle de minha conscientização. Algumas horas mais tarde, estando eu a sós, meditando, voltei-me à visão reorientadora das palavras de meu amigo.

Oração. Mais que monólogo. Um diálogo nas profundezas. “*Senhor, como era eu quando, pela primeira vez, pensaste em mim? Que querias que fosse minha vida, toda minha existência humana?*” Silêncio. Nenhuma resposta. Mas o próprio silêncio era uma resposta. Como uma conversa com um verdadeiro amigo que lhe dá a liberdade de falar até que você saiba o que quer dizer. Tentei imaginar a vida como Deus a pretendia - antes que a estragássemos e a distorcêssemos com o egoísmo e o orgulho. Voltar às coisas básicas foi um momento sublime. Um novo despertar para a realidade.

Realidade? Sim! A semana por que passara não fora realidade. Apenas um borrão azul da realidade distorcida. Meu estado de espírito começou a mudar. Mais silêncio. Eu não estava a sós. O Senhor respondia a minha oração. A resposta era ele próprio! Sua primeira dádiva a mim foi um pensamento. Pulou para o centro de minha conscientização e tomou o comando. A excitação surgiu por meio de mim. Calor. Luz. Convicção!

A sala em que me encontrava orando estava na penumbra da luz desbotada da tarde, contudo, eu podia perceber um brilho que contrastava com a hora do dia. A penumbra de minha alma estava sendo inundada com luz, com a iluminação de uma verdade redescoberta que se tornava experiência.

“Cristo! Cristo, Lloyd, Cristo! Foi este o primeiro pensamento que tive de você. E foi exatamente por isso que vim nele. Não apenas para que você soubesse como sou. Mas para que você conhecesse o quadro que faço do que você deveria ser!”

Minha conscientização dilatou-se. O foco era o próprio Cristo. Propósito e poder em uma Pessoa. Fui levado de volta para a companhia do Senhor. O segredo de ser tudo o que eu devia ser quando ele, pela primeira vez, pensou em mim, era a comunhão com ele. Quanto mais ele se tornasse a força centralizadora de meu pensamento e sentimentos, tanto mais eu me tornaria como ele em ação e reação.

Ao término da oração, eu era uma pessoa diferente. Meu problema não era o horário, as pressões da vida e nem as pessoas ao meu redor. Eu era o problema! Eu havia saído do centro. Por alguns dias eu dera guarida ao pensamento arrogante e improdutivo de que se as circunstâncias ou as pessoas mudassem, segundo minha vontade e estratégia, a vida seria linda. Não era a frustração. Era eu!

Essa não foi a primeira vez que eu passava por uma semana assim, nem seria a última. A diferença agora, como resultado da visão de meu amigo e de meu momento de oração, é que eu sei o que fazer. O próprio Cristo é a diferença. E não tenho de esperar dias, ou até mesmo horas, a fim de voltar para ele. A prática do quadro. Recuperar o que eu era quando o Senhor, pela primeira vez, pensou em mim, neste instante. Perdão. Aceitação. Amor imutável. Um novo começo.

É isso que João desejava que acontecesse a seus amados amigos. O calor da segurança na primeira pessoa é captado pela paráfrase da Bíblia Viva de 1 João 1.1: *“Cristo estava vivo quando o mundo começou, entretanto eu mesmo o vi com os meus próprios olhos e o ouvi falar. Eu toquei nele com as minhas próprias mãos. Ele é a mensagem da Vida enviada por Deus.”* O idoso e experimentado apóstolo havia aprendido pela experiência de vários anos.

A vida começou para ele quando, pela primeira vez, encontrou-se com Cristo e o Senhor o chamou para que o seguisse. Os breves anos de ministério com Cristo foram venturosos e excitantes. A primeira vez que o viu, não pôde tirar dele os olhos. Por todos aqueles dias de triunfo e tragédia, João sentiu um amor e ternura especiais para com o Mestre - a intimidade de amigos de confiança; entretanto algo mais, muito mais.

O segundo nome de João passou a ser o *“discípulo a quem Jesus amava”*. Foi porque ele era mais sensível e receptivo e permitiu que seu coração batesse com a cadência do Senhor? Ou seu dom especial era a compreensão de quanto ele precisava do seu Mestre?

Não se esqueça de que Jesus o chamou de *“filho do trovão”*. Este João não era um sonhador moderado e artístico. Seu coração era tão tumultuoso quanto os mares sobre os quais ele tinha velejado e pescado. Era impaciente e ambicioso. Ele competia por poder e lutava por sua própria identidade com os outros discípulos. Mas era franco. Talvez foi por isso

que Jesus o amou. Parece que João foi o primeiro a descobrir que a vida para a qual Jesus os chamava não podia ser vivida sem o companheirismo confiante e dependente dele. É por isso que a crucificação foi tão difícil para João. Uma desesperança excruciante substituíra a alegria da intimidade com o Senhor. Ele não poderia vencer sem o Mestre.

Não é de admirar que a ressurreição fosse tudo para João. Quando Maria Madalena, com palavras entrecortadas, narrou o fato inexplicável do túmulo vazio, João ficou espantado. Que significava isso? Ele próprio tinha de verificar. Suas pernas não podiam levá-lo com rapidez suficiente enquanto corria do Cenáculo ao jardim de José. Ouça suas próprias palavras: *“Nós corremos ao túmulo para ver; passei na frente de Pedro e cheguei lá primeiro. E abaixei-me, e olhei para dentro, e vi o pano de linho posto ali; mas não entrei (...) Foi quando entrei também, e vi, e cri que ele havia ressuscitado. Porque até então não havíamos percebido que as Escrituras diziam que ele voltaria a viver!”* (João 20.3-5, 8-9, BV).

Aparições repetidas do Senhor ressurreto selaram a experiência triunfante de João e deram início a um novo nível de relacionamento com Cristo. No Pentecoste, quando o Senhor voltou na presença e poder do Espírito Santo, João recebeu uma intimidade e união com Cristo que excediam tudo o que conhecera antes ou imediatamente depois da ressurreição. Cristo se tornou o companheiro que nele habitava e lhe dava forças. Cristo era a vida para João!

Mas essa vida não foi fácil e plácida através dos anos. Durezas, perseguições e dificuldades pontilharam seus dias. Por meio de tudo, porém, o Senhor vivo jamais lhe havia deixado só. Desde os dias excitantes da expansão da Igreja ao confinamento na ilha de Patmos como prisioneiro político, aos prolongados anos de ministério entre as igrejas de Éfeso e do Vale de Lico, a visão de João do Alfa e do Ômega, *“o A e o Z, o princípio e o fim de todas as coisas”* (Apocalipse 1.8, BV) havia sido o centro e a fonte da vida para ele.

A primeira frase da carta de João à igreja primitiva comunica quem é Cristo e o que tem feito. Ele é o Deus que cria e comunica. Em seu Evangelho, João o chama de Verbo, o Logos, a sabedoria e poder de Deus que foi a primeira causa criadora de tudo. *“Antes de existir qualquer outra coisa, Cristo já existia, e estava com Deus. Ele sempre esteve vivo e ele mesmo é Deus. Ele criou tudo o que há”* (João 1.1-3, BV). Cristo foi o Deus encarnado, que revelou nossa aparência na mente de Deus quando, pela primeira vez, ele pensou em você e em mim. Por isso o que ele era e é, disse e diz, é o ponto supremo de referência para moldar nossas vidas. João o disse com simplicidade: *“Ele é a mensagem da Vida enviada por Deus.”* Intimidade com Cristo é a inspiração e motivo de nosso viver.

Um relacionamento pessoal com Cristo nos ajuda a ver tanto nossa distorção de seus intentos como o que devemos vir a ser. Não era fácil ser crente na antiga Éfeso, nem o é agora em sua cidade e na minha. As mesmas filosofias que distraíam e perturbavam os crentes de então, incomodam-nos ainda. Somos tentados a fazer de Cristo uma ideia ou teoria que pouco tem a ver com nossas semanas, dias ou horas difíceis. Partilhamos com os crentes a quem João escreveu a desvantagem aparente de não termos visto o Senhor Jesus na carne. Mas podemos conhecê-lo com a mesma intimidade que João o conheceu depois do Pentecoste.

Se lhe fosse dado escolher ser levado de volta por meio da história e fazer parte do bando de discípulos e andar e falar com Jesus na carne, desejaria você essa experiência mais

do que conhecer sua presença e poder em amizade íntima para sua vida hoje? Eu escolho a última. Mais do que um exemplo de vida, temos o Capacitador da Vida que pode reproduzir a si mesmo em nós. É isso o que preciso para hoje! E você?

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

5 Dia

| João 1.5-10

Recobrando a Intimidade

*Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz,
mantemos comunhão uns com os outros.*

1 João 1.7

Certa tarde eu observava um cargueiro japonês sendo descarregado no porto de Los Angeles. Gosto do mar e de navios. Sentado, observando o guindaste gigantesco levantar caixotes de mercadoria do interior do navio e abaixá-los no cais, eu não esperava uma palavra do Senhor. Mas também não devia ter ficado surpreso. Ele muitas vezes fala comigo quando menos o espero e por meio de situações muito incomuns.

Percebi que cada caixa tinha instruções para o manuseio escritas em grandes letras negras, em japonês e inglês. Suspeitei que alguma coisa fora perdida ao traduzi-las. O que estava impresso podia ser ambíguo para os estivadores que trabalhavam com as caixas, mas era, para mim, uma mensagem clara do Senhor: *“Se este lado estiver para cima, a caixa está de cabeça para baixo!”*

Ri-me. Então comecei a pensar no que as palavras significavam para minha vida e para o povo que amo. *“Se este lado estiver para cima, esta vida está de cabeça para baixo!”* Como é que eu podia saber se minha vida estava com o lado certo para cima? Quais são os sinais identificáveis de que estamos realizando o propósito para o qual nascemos? Ou quais serão as marcas inegáveis de termos perdido a razão do viver?

Voltei a meu estudo das cartas de João às igrejas da Ásia com novo vigor. Em 1 João 1.5-10 ele nos dá um inventário incisivo com o fim de descobrir o propósito de nossa existência. Fomos criados para um relacionamento íntimo com Deus e uns com os outros. Poucas palavras são usadas tão mal ou são tão mal compreendidas quanto intimidade. Seu significado é muito mais do que apenas romance e sexo. Um relacionamento íntimo é aquele que é distinguido por associação íntima, contato, familiaridade. É pessoal e vem do interior. Intimidade significa encontro intrínseco, que revela e relata a natureza essencial e o ser interior de duas pessoas. O intrincado eu encontra-se com o você real.

João escreveu a carta a fim de ajudar seus amigos a recobrar a intimidade com Deus. No início da carta ele declara que em Cristo Deus havia aberto e revelado seu coração intrínseco, essencial e mais íntimo. Deus havia habitado corporeamente em Jesus. A vida eterna de Deus foi revelada no tempo e no espaço para todas as épocas e para todos os povos. Nada foi suprimido ou retido. Ele deu o primeiro passo em direção de seu povo. Por amar sem reservas ele se ofereceu a si mesmo. *“A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens”* (João 1.4). A Luz do Mundo revelou Deus e o homem. Nessa luz, os homens viram a Deus como ele é e a si mesmos em sua necessidade dele. O propósito de tudo foi comunhão com Deus e uma nova qualidade de comunhão entre aqueles sobre quem a luz brilhou.

Muitos dos que leram a carta de João haviam experimentado a glória da Luz e começaram a andar nela. Mas a visão havia se esfumado com o passar do tempo e com a infecção virulenta da heresia gnóstica. Questões perturbadoras suscitaram dúvidas: Como pode o puro Espírito de Deus habitar a carne humana? Foi Jesus apenas uma das muitas manifestações da luz da verdade de Deus? Se Deus é bondade sem mácula, como pode ele entrar na sordidez da necessidade humana? O resultado foi incerteza e embotamento da sensibilidade espiritual dos cristãos. Pois a intimidade que outrora conheceram com Deus e uns com os outros estava sendo substituída por um intelectualismo inexpressivo.

Muito antes de João escrever essas palavras, o Senhor Ihe havia dado uma palavra pessoal para a igreja de Éfeso, expondo o problema. Acho que isso estava no coração de João enquanto ele escrevia este chamado urgente à intimidade. Enquanto prisioneiro na ilha de Patmos, o Senhor Ihe aparecera com interesse profundo pelas igrejas. A reclamação contra a igreja de Éfeso podia ser aplicada a todas as igrejas e à maioria dos crentes em qualquer era: *“Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor”* (Apocalipse 2.4). A intimidade de seu primeiro amor ao Senhor e uns aos outros havia sido perturbada e enfraquecida. Uma frieza indolente substituíra a intimidade e o calor que conheceram quando se apaixonaram por Cristo pela primeira vez e descobriram o deleite da comunhão cristã na igreja. A espontaneidade e aventura haviam sido perdidas. Dureza, suspeita, engano, críticas e desonestidade foram o resultado. É esse o motivo de João, nesta seção de sua carta, chamar seus amigos a uma redescoberta da alegria de uma vida honesta e aberta. Ao fazer isso, ele nos dá a descrição mais magnífica da intimidade cristã jamais escrita.

A intimidade está arraigada na honestidade. É a exposição de nosso ser interior à luz perscrutadora da verdade de Deus. Deus nos conhece por inteiro. Então por que tentar esconder o que somos ou o que temos feito? Mas o fazemos. Pensamos que ele nos amará somente se formos bons. Quando somos menos que bons, o que acontece a maior parte do tempo, fingimos ser o que não somos. A desonestidade da dualidade resulta: colocamos o disfarce de justiça, enquanto por dentro somos um emaranhado de teias de ambições distorcidas e frustrações, lembranças do passado e temores do futuro. O Senhor deseja ir abaixo da superfície, à pessoa real que vive em nossa pele. A tragédia é que podemos professar Jesus Cristo como Salvador sem permitir que ele seja Senhor de nossos pensamentos, fantasias, planos e propósitos mais íntimos. Não somos nada diferentes das pessoas a quem João escreveu. A manifestação mais sutil do gnosticismo é irmos a crer que Deus não pode invadir nossa humanidade pecaminosa e transformar nossa mente interior e coração. João fala ao nosso estado. Culpado das acusações! *“Se dissermos que mantemos comunhão com ele (nosso Senhor) e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade”* (v. 6). Andar nas trevas é simplesmente impedir a luz da verdade e juízo do Senhor de iluminar qualquer aspecto de nossa vida interior ou exterior.

A maioria das pessoas que estão encerradas nos problemas não descobriram que nosso Senhor é capaz de desfazer qualquer problema que confiarmos a ele e transformá-lo em um potencial. Grande parte de nossa vida não tem o toque do poder de seu Espírito porque tentamos continuar vivendo com nossa própria visão e poder. Dizemos ter comunhão com ele, mas todos os compromissos cruciais e interesses de nossa vida jamais Ihe foram entregues. Muitas vezes ficamos admirados com a liberdade e alegria de outros crentes e desejamos o

que eles descobriram. Não é segredo nenhum: eles permitiram que a luz da presença de Cristo desse perspectiva e poder às suas perplexidades.

Honestidade com Deus significa constantemente convidá-lo para tomar conta de todos os nossos relacionamentos e responsabilidades. Toda a área da vida que não lhe entregamos conscientemente e não abrimos à sua luz será uma área de trevas. Andamos em trevas quando as coisas mais cruciais da vida passam sem o exame da luz do senhorio de Cristo. Se nossa carreira, nossa vida sexual, dinheiro, família, autoimagem, esperanças e sonhos jamais lhe foram abertos, nosso Cristianismo e vida eclesial são uma mentira eloquente. É esse o motivo da falta de poder de tantos cristãos hoje e a razão de igrejas sem vida e sem poder.

Durante um almoço conversei com certo homem que havia perdido o poder que experimentara quando se encontrou com Cristo pela primeira vez. Explicou ele que toda a excitação se fora. Enquanto comíamos, tentamos descobrir o que tinha acontecido. Ele estava fazendo todas as coisas externas que podem conservar um relacionamento vital e venturoso com o Senhor. Oração diária, assistência à igreja, testemunho a amigos, tudo era feito com obediência ritual. Mas o fogo tinha se apagado. Em um esforço de chegar ao fundo do que estava errado, fiz algumas perguntas penetrantes:

- Há algum lugar em sua vida no qual você está dizendo “*Não!*” à liderança de Deus? Há áreas em sua vida nas quais você tem resistido à invasão e inspiração dele? Você está escondendo alguma coisa de Deus ou de qualquer outra pessoa? Que pensamentos, sentimentos interiores e recordações não foram expostos à luz da verdade reveladora de Deus?

A resposta do homem foi alarmante:

- Sou culpado de tudo isso!

Sua vida era um quadro triste da desonestidade da dualidade. Por fora era uma pessoa e, por dentro, outra. Todas as suas energias estavam sendo gastas em conservar a imagem de crente dedicado e evangélico. Seus relacionamentos no lar eram um desastre e sua vida de pensamento interior era uma confusão que ele sabia Deus não podia abençoar. Depois de permitir que eu conhecesse a verdadeira pessoa interior e depois de eu ter lhe contado algumas de minhas próprias lutas a fim de ser uma pessoa autêntica, ele exclamou:

- Nossa, sinto-me muito melhor! Finalmente alguém conhece meu eu verdadeiro! Deus sempre conheceu, mas de alguma forma, contar a alguém mais me ajudou a realmente querer dizer a Deus o quanto eu desejo ser diferente.

Oramos juntos em uma linguagem não estudada, e não religiosa. Então fizemos um pacto de nos encontrarmos regularmente. Ele estava decidido a tomar os passos dolorosos, mas libertadores para ser um cristão honesto. Isso significava permitir que o Espírito Santo penetrasse nas dimensões mais íntimas de sua natureza. Também significava permitir que as pessoas o conhecessem. Logo ele descobriu que as pessoas estavam fingindo com ele porque sua pretensa “*inteireza*” levantava barreiras à comunicação vital.

O que aconteceu com este homem é o que João ansiava para as vidas de seus amigos. Ele se preocupava com os cristãos que diziam ter comunhão com Deus, mas andavam em trevas. Esse problema tem estado presente por muito tempo. É a causa mais perturbadora da ineficácia espiritual e inaptidão da igreja hoje. Não há falta de gente que diz crer em Cristo. Por que, então, a impotência é o estado de tantos crentes? Perdemos a intimidade com o Senhor. Isso significa permitir que sua luz se infiltre em nossas memórias, pensamentos ocultos e desejos secretos. As trevas de nossa alma precisam da luz esclarecedora do juízo, da cura e da redireção do Espírito. O andar na luz começa no íntimo de nossos corações.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

6

Dia

| João 1.5-10

Recobrando a Intimidade II

*Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz,
mantemos comunhão uns com os outros.*

1 João 1.7

Faço-me algumas perguntas que talvez você deseje conhecer. Tenho eu permitido que Deus me conheça absoluta e completamente? Como você, eu tenho ambições em minha vida que preciso revelar ao Senhor. Com tanta frequência faço meus planos, sonho minhas visões e peço que o Senhor lhes dê poder. Repetidamente tenho tido de reaprender que o Senhor provê somente para o que ele guia. Também, há sentimentos e atitudes acerca de pessoas e da vida que abrigo na escuridão de minha mente. O Senhor os conhece? É claro que sim! Por que, pois, permito que eles se infeccionem? Afinal, terão de ser expostos e confessados. Por que espero, meditando, nas trevas da prisão emocional que eu mesmo construo? E você?

Chega a época em que não podemos dizer que amamos a Deus e o excluímos da verdadeira pessoa interior.

João nos leva a esse ponto. Se dizemos que temos comunhão com Deus e levantamos uma cerca ao redor de nossos corações, mentimos e não vivemos a verdade da qual falamos tão piedosamente. Enquanto não permitirmos que Deus chegue ao centro de nós, ao centro nervoso vital de nossos pensamentos e sentimentos secretos, não haverá intimidade.

Agora João prossegue comparando o andar nas trevas com o andar na luz. Que diferença! *“Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.”* O resultado da intimidade com Deus é uma intimidade profunda com os outros.

O maior impedimento à profunda comunicação é a pretensão religiosa. Relacionamentos autênticos são construídos sobre o fundamento das necessidades partilhadas, não sobre a adequação. Fazemos com as pessoas a mesma coisa que fizemos com Deus: pensamos que seremos aceitos e amados somente se estivermos à altura. O resultado é que fingimos. Dizemos as coisas certas e tentamos realizar a ação que é aceita e requerida.

Lembra-se do alívio que você sentiu quando algum herói que você tanto admirava revelou alguma fraqueza ou necessidade em sua própria vida? Humano, afinal de contas! Ou pode você recobrar os sentimentos calorosos de poder ajudar alguém que falou com você a respeito de um problema pelo qual você também já passou? Comunhão em Cristo é o resultado da necessidade mútua de perdão e graça.

Andar na luz nos capacita a ser vulneráveis com os outros a respeito do que descobrimos e estamos experimentando da aceitação de nosso Senhor. Quando temos de

apresentar uma imagem de perfeição, negamos a Cruz e tornamos a comunhão uma impossibilidade.

Descobri que as pessoas que estão mais perto do Salvador têm mais consciência da necessidade do seu favor imerecido. Um sinal de amadurecimento em Cristo é expressar o desejo e a necessidade de crescer. Os santos mais adiantados que conheço são capazes de se identificar com os fracassos e frustrações dos outros.

Os destinatários da carta de João estavam constantemente sendo desafiados pelas filosofias elitistas. Não é de admirar que ele tenha escrito as palavras: *“Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós”*. As palavras de João devem ter dado conforto e segurança aos crentes que lutavam sob o ataque dos que alegavam ter um conhecimento esotérico, exclusivo, de Deus, fora do alcance dos outros. A marca autêntica e certa de um crente vital é que ele tem consciência de seus próximos passos de crescimento e pode partilhar sua viabilidade com os outros.

Um dos maiores obstáculos à intimidade da congregação local é nossa falta de vontade de falar a respeito de nossos próprios problemas e necessidades. O resultado é que o evangelho é proclamado, mas nossos corações que sofrem não são curados.

Vamos à igreja procurando ajuda, mas pouco é dito acerca das mágoas e esperanças que todos sentimos. A pregação é conceitual; o ensino não tem relação com a vida. O Senhor procura invadir nossa selva interior, mas isso não acontecerá até que alguém seja real o suficiente para nos dizer o que Cristo tem feito em sua própria vida. A grande pregação deve incluir a exposição do que está acontecendo na vida do pregador. A comunhão verdadeira torna-se possível mediante a troca de experiências do que Cristo tem feito e está fazendo nas complexidades da vida.

Enquanto leio as últimas palavras de João nesta passagem, sinto o pulsar do amor que implora de Deus: *“Se confessarmos os nossos pecados ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso e a sua palavra não está em nós”*.

Pecado é errar o alvo. É esse o significado básico da palavra: mais do que erros pequenos, pecado é a separação de Deus. É dirigir a nossa vida, tentar viver com nossa própria força e planejar a vida dentro dos limites de nossos próprios e poucos recursos. Pecado é tudo o que impede nossa intimidade com Deus e com as outras pessoas. Teimosia e orgulho. Exclusivismo. Egoísmo. Todos os pecados têm sua raiz no pecado básico de tentar ser um deus diminuto, para nós mesmos e para os outros.

João oferece duas alternativas quanto ao que fazer a respeito de nosso estado. Se dissermos que não temos pecado, negamos a razão por que Cristo veio e rejeitamos o perdão pelo qual ele morreu numa cruz. Mas se admitirmos o que quer que seja que dentro de nós impede a comunhão para a qual fomos criados, o perdão é oferecido mesmo antes de o pedirmos. E que oferta!

Tudo o que temos de fazer é confessar nosso desejo de estar certos com Deus e ser livres dos padrões habituais que o excluem de nossa vida. Então podemos fazer uma relação

de todos os pecados que cometemos nas trevas exclusivas da independência autodeterminadora e arrogante. Que tragédia seria viver nossa vida e perder a experiência da liberdade do amor que o perdão nos concede.

Não sei qual será a sua reação, mas isso faz com que eu tenha um novo desejo de permitir que a luz da presença de Deus ilumine minha vida toda e meus relacionamentos. Nosso anseio de intimidade pode ser satisfeito. Ele começa em Deus e permeará toda a vida. A menos que isso esteja voltado para cima, nossa vida toda estará de cabeça para baixo.

Fica aqui a sugestão de uma oração que poderíamos fazer após esta devocional:

Pai Santo, obrigado por ter me criado para uma comunhão íntima contigo e com os outros. Confesso os pecados que me impedem de chegar a ti e aos outros. Se tu me conheces como sou, ajuda-me a ser o que queres que eu seja. Perdoa a minha pretenciosa desonestidade para com os outros que os leva a pensar que eu seja mais do que sou e os encerra numa prisão de autocondenação. Ajuda-me a ser aberto e honesto sobre o que estou descobrindo para que experimente a autêntica comunhão. Em Nome de Jesus. Amém!

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

7 Dia

| João 2.1-6

No Vermelho

Qualquer pessoa que diga que é cristão

deve viver como Cristo viveu.

1 João 2.6

O saldo está sempre em vermelho para o cristão. A despesa deve exceder a receita. Quando se trata de nos darmos aos outros em amor criativo, curador e perdoador, nossas contas relacionais jamais se equilibram. O amor, no que diz respeito às necessidades das pessoas, é um perdulário descuidado, não importa o que elas façam em troca. Somos chamados a dar mais de nós mesmos aos outros do que esperamos ou exigimos deles. Se levarmos Jesus a sério, estaremos com o saldo em vermelho.

Observe a franqueza rude de João. Ele expõe nossos livros de contas correntes cuidadosamente equilibrados de dar na medida do que recebemos, de amar os que nos amam, de parcelar nosso afeto em proporções cautelosas ao que recebemos dos outros. O saldo equilibrado, de “*qui pro quos*” líquidos de súbito nos embaraça.

“*Qualquer pessoa que diga que é cristão deve viver como Cristo viveu.*” Eis aí o motivo e método de viver em vermelho. O versículo 6 do capítulo 2 é o resultado destilado dos anos que João passou em comunhão e experiência com Cristo. Era a mensagem de sua vida.

Rapidamente verificamos outras traduções do grego e o impacto é o mesmo. Não há escape e nenhuma delas nos deixa sair com facilidade. Diz a versão de Almeida, da Sociedade Bíblica do Brasil: “*Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou.*” Paramos um pouco a fim de meditar na maneira em que ele andou. A estrada levou ao Calvário. A tradução de Phillips não oferece saída fácil: “*A vida daquele que professa viver em Deus, deve produzir perfeitamente o caráter de Cristo.*” A mesma margem cortante é encontrada na versão A Bíblia na Linguagem de hoje: “*Quem diz que vive em união com Deus deve viver como Jesus Cristo viveu*”.

A auditoria que fazemos do balanço de Cristo é alarmante. O saldo é negativo! Ele veio como a dádiva de Deus; ele deu-se a si mesmo; investiu toda a sua vida em você e em mim. A cruz é o sinal de mais contra os débitos de nossos pecados deliberados. Tudo o que temos para oferecer-lhe são os nossos fracassos e rebeldia. Ele não amou na proporção do amor que lhe foi oferecido. Não foi um amor de troca, o amor de Jesus! Ele foi mal compreendido, usado mal e mal interpretado. Negligenciado por alguns e atacado pelos que o temiam. Sua única resposta foi o amor.

João, ao fazer o inventário da encarnação, tinha o Calvário em mente. Duas palavras-chave – uma do versículo 1, a outra do versículo 2 – estão impressas na psique de João. Cristo

é nosso Advogado junto ao Pai, a expiação de nossos pecados. “*Advogado*”, o termo usado nas traduções tradicionais, traduz a palavra grega *parakleton*. Seus usos principais são três.

Significa consolar. Jesus disse que enviaria o consolador, o Espírito Santo. Com isso ele queria dizer que depois de sua morte ele voltaria e seu ministério seria de consolo. Mas não há uma distância sem envolvimento.

O segundo uso da palavra descreve alguém que está ao nosso lado, que é chamado para o nosso lado em tempos de necessidade para nos dar força. Os dois aspectos se misturam. Jesus vem a nós e nos consola. Mas o consolo jamais é condicionado por nosso caráter.

O terceiro aspecto do uso que João faz de *parakleton* expõe a natureza ativa do consolo. Significa que alguém defende um caso. O consolo do Senhor não é um “*ora, ora, não se preocupe!*” Mas uma reconciliação penetrante. Jesus Cristo, o justo, assegura-nos perdão e absolvição. Ao interceder ele por nossa absolvição, somos restaurados, libertados e regenerados nele. Isto significa que ele se relaciona conosco hoje como se relacionou com as pessoas em necessidade durante seu ministério e vem a nós com segurança perdoadora.

Mas não é só isso! Mais que isso, ele é o expiador, a propiciação de nossos pecados. A palavra é *hilasmos*, uma palavra sacrificial. Significa aplacar ou apaziguar alguém que foi ofendido ou insultado. A palavra também significa perdão. Mas, acima de tudo, traz em si a remoção completa da culpa. A metáfora de C. H. Dodd é que ela desinfeta. O terceiro significado esclarece todos os outros: Jesus nos perdoa não somente como um aplacar da justiça de Deus, mas como um ato que nos estabelece na qualidade de aceitos como se jamais tivéssemos pecado. Justiça é o dom de um relacionamento correto como se jamais fora quebrado.

Eis o quanto Jesus ama a você e a mim. As contas estão sempre balanceadas. Ele fez muito mais do que merecemos ou jamais poderíamos ganhar. Estamos constantemente em débito com ele. O saldo é negativo por causa de você e de mim! Encontra-se escrito com sangue: “*Pago!*”. E é esta a maneira pela qual Cristo andou, viveu e vive! Ele vem a nós, fica conosco, intercede por nós, absolve-nos e nos purifica.

Agora João apresenta o teste final pelo qual podemos ver se aceitamos tal fato e se nos encontramos no fluxo de sua contínua experiência. “*E como podemos ter certeza de que pertencemos a ele? Olhando para dentro de nós mesmos: estamos realmente procurando fazer o que ele quer que façamos? Alguém poderá dizer: ‘Eu sou cristão, eu estou no caminho do céu, eu pertencço a Cristo’. Mas se não fizer o que Cristo lhe manda, é mentiroso. Mas aqueles que fazem o que Cristo lhes manda, aprenderão a amar a Deus cada vez mais. Esta é a maneira de saber se você é ou não é um cristão*” (vv. 3-5, BV).

Como Cristo sempre esteve em situação deficitária, também nós. A implicação do que Cristo nos manda fazer é obediência. “*Como o Pai me enviou, assim eu vos envio.*” Isso significa fazer o que ele fez e unir-se a ele no que está fazendo. As palavras-chave ‘advogado’ e ‘expiação’ põem em foco o comprimento e a profundidade a que devemos ir pelas pessoas. Devemos dar o primeiro passo, permanecer ao lado das pessoas, tomar seus casos em nosso

oração e interceder por elas com orações de intercessão. Quando expressamos perdão, devemos agir como se elas jamais houvessem cometido o ato, dito a palavra que corta, ou falhado em alguma responsabilidade. E claro, não repetimos a expiação do advogado, mas reproduzimo-la comunicando sua dinâmica eficaz, não apenas em palavra, mas em atitude.

O desafio é:

1. Aproximar-se das pessoas.
2. Fortalecê-las com o poder de Cristo.
3. Orar por elas.
4. Mediar o perdão de Cristo.
5. Torná-lo real por meio de nossa própria aceitação.
6. Agir com elas como pessoas perdoadas.

É isso que João tem em mente quando diz que devemos andar, viver e nos comunicar como Cristo o fez. Isso me dá ordens de marchar para hoje e para todos os meus amanhãs. E quanto a você?

Levantamos nossos livros não balanceados na presença dele. As pessoas não devolveram nosso amor; alguns pagaram o bem com o mal. Agora ele olha não para o saldo desequilibrado, mas para nossos olhos e nossos corações.

“Teria você feito menos do que eu fiz? Se eu tivesse feito aos outros o que fizeram para mim, você não teria uma cruz e um túmulo vazio. O que faria você agora e para a eternidade sem isso? Portanto, amem uns aos outros como eu os amei.”

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?